

FHC convida

os alemães

“ao sucesso”

por Dirceu Brisola
de Frankfurt

Uma platéia de cerca de duzentos executivos de empresas alemãs com interesse no Brasil ouviu do presidente Fernando Henrique Cardoso, ontem pela manhã, em Frankfurt, principal centro financeiro da Alemanha – que disputa com Londres essa primazia para a Europa –, uma exortação para que suas companhias participem do “projeto de transformação definitiva da economia brasileira em uma economia madura”. “Eu não venho convidá-los ao sacrifício”, disse o presidente. “Venho convidá-los ao sucesso.”

O presidente brasileiro falou na abertura do seminário “O programa brasileiro de privatização”, patrocinado pela Comissão Européia, no primeiro dia da sua visita oficial à Alemanha. O evento foi organizado pelo Iberoamerika Verein, instituição de Hamburgo que cuida de estu-

dos dos países ibero-americanos, e pelo Instituto de Relações Europa-América Latina (Irela), de Madri, e contou com o apoio do Deutsche Bank e deste jornal.

“Queiramos ou não”, disse Fernando Henrique, “vivemos hoje uma situação em que não há a possibilidade de que decisões tomadas por um país não afetem outros países.” Daí por que a questão da transformação da

(Continua na página A-5)

O secretário de Assuntos Estratégicos, Ronaldo Sardenberg, revelou que o Brasil inicia hoje negociações com o governo alemão para o fechamento de um acordo que prevê o domínio da tecnologia de mísseis MTCR (Missile Technologies Control Regime). Com esse acordo, já a partir de outubro o Brasil deverá ter controle sobre a exportação de tecnologia sensível, que possa ter utilização tanto civil como militar.

(Ver página A-5)

TERÇA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1995 — GAZETA MERCANTIL

■ NACIONAL

FHC convida os...

por Dirceu Brisola
de Frankfurt

(Continuação da página A-1)
economia brasileira tem a ver com os empresários alemães.

Hans Eichel, governador do Estado de Hessen, que fez o percurso entre o aeroporto de Frankfurt e o moderno prédio do Deutsche Bank, no centro da cidade, onde se realiza o seminário, ao lado do presidente brasileiro, conversando justamente sobre esse tema, encarregou-se de dar um exemplo prático da mencionada interdependência econômica inevitável. Ele citou a influência que tem sobre a jornada de trabalho dos empregados da indústria automobilística do Estado de Hessen – como a Opel – a duração da jornada de trabalho na indústria brasileira. Os alemães, disse Eichel, não podem simplesmente diminuir a quantidade de horas que trabalham sem avaliar a perda de competitividade em relação a concorrentes cujos empregados trabalham mais.

Além do pano de fundo genérico da interdependência, predominou durante as primeiras sessões plenárias do seminário um clima de boa vontade, para que a colaboração entre brasileiros e alemães de fato dê certo.

Do ponto de vista do Brasil, cujas necessidades de investimentos são enormes, como salientou o próprio presidente, as razões para isso são evidentes. Mas, pelo lado

da Alemanha e da União Européia, elas também são fortes. Ou, como disse Martin Bangemann, comissário para Assuntos Industriais, de Informação e Tecnologias de Telecomunicações da União Européia: “Não se trata mais de investimentos da União Européia no Brasil ou do Brasil na União Européia, mas de alcançar relações que proporcionem as vantagens competitivas”.

Nesse mesmo sentido, pronunciou-se o ministro da Economia da Alemanha, Günther Rexrodt, que, na primeira sessão da tarde, dividiu a mesa com os ministros brasileiros Luiz Felipe Lampreia, das Relações Exteriores, e Pedro Malan, da Fazenda. No conceito de Rexrodt, “a oferta de cooperação e coordenação” que a Alemanha faz ao Brasil abrange o campo da educação, da formação de mão-de-obra, da preservação ambiental, da tecnologia e tudo que possa somar para o aumento da competitividade e “sobretudo para permitir a participação das pequenas e médias empresas” dos dois países nesse processo.

Lampreia demonstrou a relação entre o processo de democratização e o de abertura econômica no Brasil e em outras nações latino-americanas, e chamou a atenção para o fato de que a integração econômica se dá primordialmente no espaço do Mercosul, para em segui-

da englobar a América do Sul, e só depois a América Latina. Quanto à intrínseca ligação entre política e economia no Brasil, declarou: “O sucesso econômico vai depender do prosseguimento das reformas”.

Falando por último, em inglês, como Lampreia, Malan foi aplaudido com notável entusiasmo pelos executivos alemães. Em parte, isso se deveu ao fato de ter sido ele conciso e extremamente seguro. Em parte, porém, os aplausos pareceram traduzir o agradecimento dos presentes pelo comparecimento do ministro, cuja presença não estava prevista no programa, e também uma espécie de apoio à política econômica que Malan conduz e representa.

Embora tenha reconhecido e ajudado a construir o clima de mútua colaboração, predominante no encontro, o presidente brasileiro não perdeu a oportunidade de ser realista e também pragmático, tendo em vista a força dos interesses mais imediatos, geralmente decisivos para os homens de negócios. “Eu não venho convidá-los para um sacrifício”, disse Fernando Henrique, lembrando que muitas empresas alemãs fizeram no Brasil investimentos relativamente pequenos e obtiveram grandes lucros. “Venho convidá-los ao êxito e ao sucesso”, garantiu, repetitivo, no final do seu discurso.